# DRAMA

## ALLUSIVO AO CARACTER, E TALENTOS

DE

## MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

POR

JOSE' ELOI OTTONI.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCC[illegible]I.

*Por Ordem Superior.*

*Flebilis ut noster statur est, ita flebile carmen.*

Ovid. Trist. Lib. V. Eleg. I.

A Migo da Patria, e util aos seus semelhantes, em vão procura o Filosofo desenvolver o caracter da Virtude. Fantasmas de filantropia, como por força de attracção, tendem sómente ao centro do egoismo; mal entendida privança os separa do vulgo; e o Filosofo, exposto a todas as calamidades da vida, geme involuntario, até que suffocando as luzes do espaço, que o circumscreve, acaba; e com elle as esperanças da Patria. De que serve o pranto, que lhe humedece as cinzas? Só de nutrir a saudade. Assim te choro, assim te consagro meus (*) versos, oh Vate!... Oh Filosofo Bocage!...

---

(*) A Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa da Ega, Embaixatriz de Portugal, junto a Sua Magestade Catholica, instou pela impressão destes Versos, quiz que á sua custa apparecessem, honrando deste modo a saudosa memoria de Bocage. Tanto póde hum Genio amigo de Litteratura Portugueza!

## INTERLOCUTORES.

A MUSA DE BOCAGE.

O TE'JO.

A NOITE.

*A Scena he nas margens do Téjo.*

# ACTO I.

## SCENA I.

### MUSA.

DA horrivel Natureza o pranto innunda
O asylo dos mortaes, que á dor succumbem.
Morno silencio, que a Virtude opprime,
Clarão revolto, que dissipa o nada,
Heroica palidez, amor da morte,
Soltos do abysmo, as furias me arremeção.
Contemplo a Virgem, que os Sepulcros abre,
Quando o fel da existencia a dor esgota:
E embebida no horror a estancia busco,
Aonde a mágoa tropeçando em mágoa,
No ferreo Leito da oppressão gemendo,
Desafia o terror, o inferno abala! . . .
Que súbita illusão me outorga o passo,
Accessivel á dor, macia ao pranto!
Genio do abysmo, precursor da morte,
E's tu? . . . . Mas tu não és.

## SCENA II.

### TE'JO.

DEtem-te, escuta.
He livre o passo: vem comigo ao centro
De vasta regiáo, que habitáo Numes.
Verás do Luso Imperio a base antiga,
Que sobre feitos immortaes se eleva.
Hum sonho da razáo concebe a fórma,
Que imprimio nos mortaes do crime o sêllo.
Morrem as Artes, que o superfluo animáo! . . .
A ferro, e fogo estala o mundo inteiro!
Fervem no centro d'apathia os males,
Que o delirio forjou, que a terra innundáo.
Os dias de Saturno ao Ceo voltáráo!
Existe a pomba, o symbolo innocente,
Que as primicias do bem no seio acolhe;
Estimulo de Amor, alma dos Entes,
Que as Leis sublimes do Universo adoráo.

A existencia do effeito a causa prova;
E tu . . . .

M U S A.

Que intentas?

T E' J O.

Arrancar-te á furia,
Que desde o berço te persegue irada.

M U S A.

A dor me abate! O pranto me suffoca!
Foragida não vez que ao Ceo remonta
Essa, que meiga os corações adoça,
Que suave derrama o nectar n'alma,
Energia do Ceo, prazer de Jove?
E se acaso na terra asylo encontra,
No horror da solidão turbada geme!
Despem-lhe as faces do pudor celeste;
De purpura mimosa o véo lhe arrancão;
Se Augusta foi hum dia, he hoje escrava.
No altar do Crime prostitue o incenso,

Reconhece o poder, que a força outorga;
E ao torpe orgulho de oco fanatismo,
Exalta o pavilhão, que adora, e teme.
De quando em quando mais brilhante aurora
Lhe desperta o pudor de hum almo riso.
O fluido se dilata, o gello o impede;
Filosofico humor combate o erro;
Fermentada explosão no Ceo rebomba.
Enfiado o semblante o gesto humilde,
Pura, sem mancha, tímida, innocente
A virgem desfalece, e o monstro assóma.
Abandono cruel me encurta a gloria!
E o prazer, que a illusão formou na idéa,
Foi hum sonho de amor, que á Patria devo.
Restão-me escassos, túrbidos instantes,
Que o vapor da illusão comprime, e abafa.

### T E' J O.

O teu nome escapou da nodoa feia,
Que o nome dos heroes contrahe no berço.
Tu serás immortal: prosegue, avança
Os espaços, que amor, e a gloria enchêrão.
He hum fantasma o heroe, he hum sonho a gloria,

Se as estatuas de horror gotejão sangue.
Tu, que austéro dever exprimes n'alma,
Que remontas do bem a origem pura,
Sobre eterno padrão teu nome elevas. . . .
Já no seio de Lysia a dor não cabe!
Oh Lei do Fado injusto! Oh Patria! Oh damno!

MUSA.

Por ti mesmo, Ancião, conjuro, invóco
As montanhas de Lysia, o Ceo, e o Fado.
Vingai meus dias furacões d'Eólo;
Do velho Adamastor qual monstro informe,
Os rochedos de Cintra ao mar se allonguem.
Hum ponto apenas raso no horizonte
Engrossa a nuvem, que despeja o Raio.
Eu vejo! . . . Oh Ceo! (*Trovoada*)

TE'JO.

Que estranho movimento!
Que força convulsiva os ares rompe!

MUSA.

Abrio o inferno a boca horrenda, escura,
E dragões vomitando exhala o fumo,
Que infecta a Região do espaço immenso.
Assim troveja o Ceo presago, e surdo,
Quando ameaça turbilhão violento,
Que arrebata o vapor, e aos ares leva!
Sinistro arrulho de agoureiras aves
Sobre a cabeça equilibrando as azas
Me desperta o furor, me avisa o damno! . . .
Deosa (se he Deosa, quem protege o Crime,
Quem seduz a razão, quem nutre a inveja)
Sob o duro alcapão das trévas prende,
Castiga, oh Noite, a dor . . . meu pranto cumpr
Que, sem tocar a Luz, extincto acabe.

## SCENA III.

### NOITE.

EM vão pertende subtrahir-se á aurora
apor, que enfeita o cimo da montanha.
ruento abutre, que salpica o jaspe,
eceoso adejando, espreita, e vôa.
ternura o ladêa, o pranto o ensopa.
omo pertendes escrutar segredos,
resciencia do Ceo vedada aos homens?

### MUSA.

'ruspice fatal me aponta o livro,
a fatidica folha abrindo, escuto:
Ciume roedor consome o Vate.
Abstracções pueris, que a raiva accende,
Não perdoa o temor, não vale o erro.
Sotoposto á penuria o sabio geme;

» Do

» Do pobre alvergue o luxo ao longe escapa;
» Simples alfaia nem se quer o abriga;
» A fome, a sede, o frio o arrasta, e leva
» Aos pés do avaro, que lhe usurpa o nome:
» Bemfazejo clarão dissipa as trévas,
» Onde a penuria a mendigar o obriga;
» A Sciencia lhe aponta o rumo á gloria;
» Mas occulta vereda o bem retarda.
» A Virtude sem preço he sombra inutil.
» Ao Sabio, como ao Justo, he premio a morte.
» Cumpra-se o fado. E que me resta?

NOITE.

A vida,
Que o direito mais Santo illesa outorga.
Reclama a Natureza, as Leis reclamão
A tendencia, que liga os seres todos
Da mesma especie a conservar-lhe o centro.

MUSA.

Não tende a Natureza ao mal, que a opprime;
Geme com pezo, que arrojar procura;

E

se a força repelle a força, cumpre
emover da existencia hum pezo estranho.

T E' J O.

variavel direito amor prescreve.
Patria! . . .

M U S A.

Oh sensação de amor! Oh Patria!
h ternura! Oh poder que n'alma existe!
onde . . . oh força, que arrebata os Entes!
ave commoção . . . prazer innato . . .
rtude! . . Amor da Patria! . . Que? Vacillo?
temor! . . a fraqueza! . . o nada! . . Furias,
lcões do Averno, devolvei-me ao cáhos!
desprezo de Lysia he mais que inferno.
lvei-lhe o centro, furacões ruidosos;
olenta convulsão lhe abale o todo . . .
leza, e ocio he nutrição do orgulho;
hum surriso de Augusto as Artes medrão.
rço das Musas, onde as Graças brincão,
re o seio fecundo, acolhe, affaga
tenro germen, que defina, e morre.

Mas

Mas oh delirio, da razão quiméra!
A Patria, a Natureza he sonho, he nuvem,
Que exhalando o vapor desapparece.
Furias ... Espectros ... Gorgonas ... Cerastes.
Assustão-me ... cercão-me ... eu desço ... eu desço
A' morada do horror!.. Detem-te ... espera ...
O Trifauce me accusa! As portas rangem!
Que pertendes? Quem és? Oh sombra!.. exiges.
Oblação que te applaque? O sangue?.. O ferro?
Huma victima! Em fim ... recebe. (*Mata-s*

T E' J O.

Oh morte!

N O I T E.

Oh poder da illusão! Oh furia! Oh raiva!

T E' J O.

Eis a Victima ... o sangue, o ferro, o Nume
Que applaca os Manes do Cantor divino.
Cinge o louro immortal devido aos Vates,

Ca

Cantor da Gloria, Corifêo de Lysia,
E ao novo Joven, que aos Elysios chega,
A par dos hymnos teus colloca o nome.
Cortado em flor dissipa o rumo á gloria,
Que vou no espaço topetar com as nuvens.
Aguia do Sena, Cisne de Sulmona,
Enriquece os Jardins, varía as fórmas,
Dando á Lusa expressão quasi Latina
Torrentes d'oiro, que a harmonia ensopão.
Foi seu premio a indigencia, amor seu fado.

NOITE.

Novo Signo de Elmano o Ceo revolva,
Quando Fébo na Ecliptica brilhante
Perfaz o gyro, que revolve o anno.
Em télas d'oiro as Tagides recordem
Os Amores de Ignez, que Elmano entoa.
*E a foz do Mandoví sereno, e brando*
O famoso Tritão gemendo aponte.
Toca-me erguer-lhe o tumulo sagrado.
Descreva o bronze aos Seculos futuros
Na Campa Louro, na inscripção = Bocage =

FIM.